

As Aventuras de Ngunga

Marisa Philbert Lajolo

As Aventuras de Ngunga, de Pepetela (1) é um livro que tem uma origem muito interessante: foi escrito, como diria a Walnice, no calor da hora: "nas manhãs de dez dias, debaixo de uma árvore, numa carteira da mata, na Frente Leste". O texto produzido nestas condições foi divulgado pela primeira vez em 1973, a partir de 300 exemplares mimeografados pelo MPLA, que circularam de forma sorrateira entre os combatentes pela libertação de Angola.

Se esta é uma forma de produção incomum para um livro, a história que ele conta é bem mais trivial: são os conflitos, experiências, temores e amores que vive o protagonista Ngunga, órfão de treze anos, cujos pais "foram surpreendidos pelos inimigos, um dia, nas lavras". Os inimigos, já se sabe, são os "tugas" (2). E os amigos (também já se sabe...) são os combatentes, o povo dos kimbos, o mestre-escola e, para tudo ser como deve, o próprio narrador.

As condições de produção do livro, seu pú

Marisa Philbert Lajolo é professora do Departamento de Teoria Literária do IEL.

blico virtual (materializado logo depois nos leitores que tiveram acesso ao texto a partir dos trezentos exemplares mimeografados) e a militância política de seu autor fazem com que este livro, de sua concepção à sua circulação, configure um projeto definitivamente político e só incidentalmente literário. Falo, é claro, da perspectiva em que a literatura costuma ser concebida na tradição crítica ocidental.

O interesse que este livro de Pepetela desperta, entretanto, não se deve ao fato de ser ele parte integrante de um projeto político que lhe delega funções revolucionárias. Ou, para dizer de outra forma: não é original nem necessariamente interessante a elaboração de um texto literário tendo em vista sua utilização em um projeto político. O interesse que o livro de Pepetela desperta e que sugere reflexões (altas e nobres e lúcidas, como diria Fernando Pessoa) nasce exatamente da falta de originalidade de seu projeto. Será?

Vejamos.

Conceber um livro como arma política não constitui, em absoluto, idéia nova. Para não recuar muito aquém do século passado nem para ir muito além da pátria-mãe, fique-se com a belíssima exortação de Antero ao poeta;

"Ergue-te, pois, soldado do Futuro,
e dos raios de luz do sonho puro,
Sonhador, faze espada do combate!"⁽³⁾

Pepetela pode, pois, invocar em seu favor o precedente de Antero, que estará em excelente companhia.

Longe de constituir uma solução, no entanto, o precedente de Antero cria um problema. Aliás, o problema: trata-se de um precedente português, europeu, ocidental, branco, dito civilizado... Ainda que para alguns constitua ramo menor, a cultura portuguesa tem suas raízes no solo europeu onde, afinal, se inventaram os livros, as literaturas, os etcéteras todos. Nada a estranhar, portanto, que o livro (modalidade privilegiada da cultura burguesa, não por acaso também europeia na origem) possa ser concebido como agente da contra-cultura, de resistência cultural e até mesmo de revolução, como aliás, queria Antero no texto transcrito. Afinal, burguesia, liberalismo, crença na cultura letrada como forma de liberação constituem, como diria novamente a Walnice, gatos do mesmo saco.

E outro saco e outríssimos gatos seriam, por exemplo, Angola, Pepetela e seu Ngunga. Vem daí o espanto de perceber-se que o livro em questão constitui, na realidade, a versão contemporânea e africana de antigos projetos gerados e executados na velha Europa do século XIX. Por exemplo, na Itália e na França que, no fim do século passado, produziram e fizeram circular, com exemplar eficiência, textos como Cuore (4) e Le Tour de La France par Deux Garçons (5).

Tanto o italiano quanto o francês são ro-

mances de consolidação nacional. Surgiram ambos em momentos de crise de suas respectivas sociedades. O livro de De Amicis engaja-se no projeto de unificação italiana e o de G. Bruno revigora o ânimo nacional francês, seriamente abalado por uma derrota frente à Alemanha. A simpatia de que tais projetos estético-pedagógicos gozam junto às elites letradas fin-du-siècle é profunda. Atravessa os mares já dantes navegados e aporta ao Brasil, onde Bilac se encarrega de produzir o similar nacional: o famosíssimo Através do Brasil ⁽⁶⁾ lido e relido compulsoriamente por muitas gerações patricias. ⁽⁷⁾

E pelo visto, com Pepetela, o projeto continua a gozar de credibilidade. Será que o projeto cuja versão primeira serviu de consolidação da ideologia liberal burguesa (inclusive em seus desdobramentos colonialistas) é reeditado cem anos depois, nas tropicais florestas de uma Angola às vésperas de sua libertação?

Em comum com os projetos anteriores, o livro de Pepetela tem um protagonista criança. Se na cultura ocidental a infância é a fase da vida à qual se atribui fragilidade e insegurança (prato cheio para a sensibilidade de leitores igualmente ocidentais) fica por saber se o solitário Ngunga produz impacto similar entre seus leitores.

Outro traço comum entre o livro de Pepetela e seus modelos europeus é a orfandade do protagonista. No livro francês, a perda dos pais coincide com a perda da nacionalidade e as crianças órfãs, abandonando a Alsá

cia Lorena (zona de ocupação alemã) fogem para a França, em busca da família remanescente. Não é preciso dizer que recuperam ambas, pátria e família ao mesmo tempo. Quando o leitor termina o livro, os meninos já estão crescidos, proprietários, constituíram família e são felizes. Para sempre, na melhor tradição do conto de fadas, de origem igualmente européia.

O Ngunga de Pepetela sofre a mesma carência dupla: órfão de pais, como já se sabe, e tendo o colonialismo como agente desta orfandade, sua busca de uma forma de sobrevivência solitária e auto-suficiente coincide com a busca do povo angolano de um estatuto novo, de país independente. Novamente Pátria e Família (com maiúsculas, sim senhor!) se identificam, fazendo reviver Rui Barbosa (quem diria!) para quem "Pátria é a Família amplificada..." como ensinam todas as antologias nacionais.

É exatamente esta tentadora hipótese de ler, no projeto de Pepetela, ecos de ideologias de outras gentes, de outras terras e de outros tempos, que cria o problema de que falei no início. É como se estas aventuras de Ngunga sugerissem que Angola está começando tudo de novo. Que está refazendo, no projeto de instituição de uma literatura européia qualquer.

Mas é claro que pode não ser nada disso. Pode ser que sejam os olhos do leitor viciado que reduzam a seu código familiar de origem o que lê/vê nos livros que lê. Mas como nem mesmo Machado sabia se o que tinha mudado era o Natal, ele ou ambos, registro apenas

os riscos de ler as literaturas emergentes do terceiro mundo (inclusive a nossa) com os olhos e o gosto da teoria e prática nascidas a partir de produções culturais do dito primeiro mundo. O problema se agrava ainda mais quando, aparentemente, são os modelos do tal mundo número um os modelos aos quais recorre o escritor deste mundo número três, quando se debruça sobre sua folha em branco.

Há que dizer-se, no entanto que, se PePETela parece vir na esteira de vários romances educativos ocidentais, ele também desenha algumas feições autônomas. A começar, comme il faut, pela linguagem, que é simplíssima. Nada de períodos longos, de parágrafos maciços, de subordinações encadeadas. Muitos diálogos e, quando se faz necessária a intervenção do narrador ela se faz num registro que não difere do de seus narrados.

Trata-se de uma linguagem que guarda marcas fortes de oralidade, especialmente da oralidade das narrativas populares, tais como as legou nossa tradição. Os capítulos são sempre muito curtos e freqüentemente se encerram de forma lapidar, através de frases que lembram muito as fórmulas rituais de encerramento de narrativas populares⁽⁸⁾:

"Assim foi a festa do nascimento de Lumbongo,
o primeiro filho de Kayondo e Maria" (pág.9)
"Foi assim que Ngunga deixou a Seção e seus
amigos. Voltaria a visitá-los, prometia ele,
com vontade de chorar" (pág.21)

Quando não são arremates lapidares, outras modalidades de encerramento de capítulos imergem a narrativa de Pepetela em oralidade: as alusões simétricas e encadeadas, ao fim de vários capítulos contíguos, a um mesmo sonho de Ngunga, por exemplo, cumprem função hmóloga, qual seja, a de propiciar uma recepção do texto que se afasta do livresco, do escolar, do ocidental.

E é através desta preservação da oralidade que o livro de Pepetela, afastando-se dos modelos, europeus, recupera seu horizonte de cultura terceiromundista. E é talvez recortado contra este horizonte que começam a esgarçar-se os já aludidos traços europeus e ocidentais de seu modelo literário.

De Amicis, G. Bruno e mesmo o nosso Bilac não conhecem meios tons. Crêem sempre, não duvidam nunca. O quadro de valores que suas narrativas endossam e propagam tem a nitidez das ortodoxias acima de qualquer suspeita. Bem e mal, certo e errado, adulto e criança são mundos separados um do outro, que jamais se interpenetram. Em Pepetela, ao contrário, a nuance, o meio-tom, a ambigüidade estão presentes, fecundando o texto. Como?

Assim:

a própria idade e orfandade do protagonista (que já se viu constituírem ponto comum entre o romance angolano e outras obras escritas com propósitos semelhantes) são tratadas diferentemente. No livro de Bilac, por exemplo, a condição infantil é sistematicamente reprimida na medida em que é avessa e rebelde às exigên-

cias do real social e histórico. Assim, brincadeira, jogo e prazer são sempre controlados em nome de um valor mais alto que se alevanta. E nem sempre é o paternal narrador bilaquiano quem comete o infanticídio. O irmão mais velho assume o papel repressor, o que torna o abafamento da infância irremediavelmente incorporado pela própria criança. O fato de os irmãos serem dois, tanto no livro francês quanto no brasileiro, como que facilita esta escalonada e paulatina substituição do ser-criança pelo ser-gente-grande, cabendo ao irmão mais velho iniciar o menos nas sucessivas fases de maturidade.

É neste aspecto que o solitário Ngunga ganha muitos pontos em comparação aos outros heróis juvenis ocidentais. Como já se disse, o livro de Pepetela oscila na representação da infância. Na voz de seus vários interlocutores, Ngunga ora é criança demais ora crescido demais para ser dono de sua vontade. Assim manipulada, a condição infantil torna-se presa de fácil dominação. Mas Ngunga resiste e, na sua resistência, está o traço maior de solidariedade a que os livros convidam seus leitores.

Em seu longo itinerário de conquista da maturidade - que nas circunstâncias específicas angolanas equivale a tornar-se militante na luta pela libertação de Angola - Ngunga preserva a noção de liberdade individual e lhe dói sempre a injustiça de um mundo organizado e gerido por adultos autoritários, mesmo quando estes adultos são pioneiros e/ou guerrilheiros:

"Todos os adultos eram assim egoístas? Ele, Ngunga, nada possuía. Não, tinha uma coisa, era essa força dos bractos. E essa força ele oferecia aos outros, trabalhando na lavra, para arranjar a comida dos guerrilheiros. O que ele tinha, oferecia. Era generoso. Mas os adultos? Sô pensavam neles. Até mesmo um chefe do povo, escolhido pelo Movimento para dirigir o povo. Estava certo? (pág.15)

"Mavinga foi ter com os mais velhos. Ngunga ficou a o-lhar o velho Chipoya, muito vaidoso ao lado do Comandan-te. Igual ao Kafuxi. Uns exploradores todos eles, e nomeados pelo Movimento para dirigir o povo." (pág.54)

Mas a grande defesa explícita da infância aparece num elogio de Ngunga ao professor União:

"O camarada professor é capaz de ser ainda um bocado criança, não sei. Por isso ainda é bom. Mas também é mau. Com o Chivuala, foi mau. Não devia mandá-lo embora" (pág.30)

Desconfiança semelhante transparece no pouco entusiasmo com que Ngunga encara a escola. Em conversa com o Comandante Mavinga, o ideal escolar (adulto e ocidental sem dúvida) não parece seduzir muito o meni-no que, bravamente, defende o aprender-vivendo-e-fazen-

do em vez da aprendizagem institucionalizada:

"-Ngunga, tu és pequeno demais para ser guerrilheiro. Aqui já te disse que não podes ficar. Andar só, como fazes, não é bom. Um dia vai acontecer-te uma coisa má. E não estás a aprender nada.

-Como? Estou a ver novas terras, novos rios, novas pessoas.

Oiço o que falam. Estou a aprender.

-Não é a mesma coisa. Numa escola aprendes mais. E assim vais conhecer o professor. Já viste um professor?"

(pág.20)

Se, para todos os efeitos, o ponto de vista do comandante (e do narrador?) é que leva a melhor e Ngunga vai efetivamente para a escola, a grande lição que ele lá aprende é a lição de solidariedade e lealdade, ficando a alfabetização para mais tarde, e só tolerada como instrumento para a causa maior, a da libertação de Angola:

"... se soubesse escrever, podia meter um bilhete na cela de União e combinarem juntos a fuga. Mas pouco se interessara por aprender, só gostava mesmo de passear. Pela primeira vez Ngunga deu razão ao professor, que lhe dizia que um homem só pode ser livre se deixar de ser ignorante."

(pág.37)

Ao contrário, também dos romances de formação europeus e ocidentais, o final do livro de Pepetela não coincide com a restauração do equilíbrio. Ou seja: Ngunga não supera o problema de sua orfandade, não recupera os pais que julgava mortos (este é o happy end de Através do Brasil). Tampouco seu país consolida-se como independente. Ngunga, como protagonista desaparece de cena e as falas finais do livro são do narrador que se dirige diretamente ao leitor, exortando-o a descobrir e cultivar o Ngunga que cada um tem dentro de si.

O desaparecimento de Ngunga é voluntário e, como solução narrativa, aproxima-se do sumiço no horizonte de Peri e Ceci. O menino angolano desaparece na selva e, desaparecendo, ressurgindo como mito o que, convenhamos, pode ser uma solução.

O que se sabe é que Angola libertou-se. mas, mesmo tendo se libertado do jugo colonial, parece persistir no modelo literário que a colonizou.

E poderia ter sido de outra maneira?

NOTAS:

- 1) PEPETELA, José As Aventuras de Ngunga. S.P. Ed. Ática.
- 2) corruptela de portugas, forma pejorativa de referir-se aos portugueses colonialistas.
- 3) QUENTAL, Antero de Sonetos. Ed. organizada, prefaciada e anotada por António Sérgio. Lisboa. Livr. Sá da Costa Ed., Col. de Clássicos 3ª ed., 1968.

- 4) DE AMICIS, E - Cuore. 1ª ed. de 1886.
- 5) BRUNO, G. Le Tour de la France par Deux Garçons. 1ª ed. 1877.
- 6) BILAC, O. - Através do Brasil. 1ª ed. de 1910.
- 7) cf. LAJOLO, M. Usos e Abusos da Literatura na Escola, Porto Alegre, Ed. Globo, 1982 sobre a literatura escolar de Bilac.
- 8) cf. CASCUDO, L.C. Literatura Oral no Brasil e ROMERO, S. Contos Populares do Brasil sobre as fórmulas de narrativa oral.